

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

UMA CRÔNICA ANTIGA

Juntando em um volume A Cidade e a Roça e Três Primitivos, a Editora do Autor completa, em novembro, a reedição de todos os meus livros. Acho que o leitor não se importará, neste domingo véspera de feriado, de ler uma crônica velha. O que, de resto, é também um jeito de variar o trivial.

A proximidade do Dia de Finados me fez escolher a crônica O Morto, que é de maio de 1953 e está em A Cidade e a Roça. Lá vai ela.

"Foi um sonho talvez que vi brilhar a tua face lívida, Morte, e senti sobre mim tua foice e teu hálito de gêlo, insuportável.

Porém meu dia não era chegando; foi alguém estranho que tomou a meu lado, no meio da noite, e eu pude continuar cabisbaixo o meu caminho.

Mas dentro de meu coração eu te detestei sem te temer, e senti que a vida era melhor, e com serenidade compus êstes votos e orações de morto.

Que o mistério que existe em toda morte fôsse, na minha, dignificado pela simplicidade.

E meu velório fôsse assim como que uma festinha de despedida, onde mesmo as pessoas que ficassem com os olhos vermelhos pudessem rir sem remorso.

E aquêles que fôssem saindo pensassem apenas: "vamos a um bar; êle só não vai porque não pode;" e assim manifestassem confiança em mim.

E dois anos depois alguns homens se pusessem de repente a falar de mim, rindo, lembrando meu nome e figura com afetuosos palavrões, e que minha memória os ajudasse a beber mais, e com mais prazer.

Que alguma desconhecida mu-

lher, em uma hora de angústia ou abatimento, lesse por acaso alguma coisa minha e sentisse ali um conforto de mão de companheiro.

E assim também que, a dois amantes, alguma coisa que escrevi em hora de paixão pudesse lhes fazer mais luminosa a felicidade.

Que tudo o que eu disse por tédio ou afetação pudesse ser esquecido, e minha lição obscura fôsse uma lição de insaciável liberdade e gosto de viver.

Que aquêles que foram meus amigos não precisassem esquecer ou disfarçar meus defeitos para que me estimassem depois de morto, e me recordassem como a um homem — vago bloco de coisas — capaz de ser tolerado e possível de ser útil.

Que ao pobre e ao humilhado minha voz ajudasse a dar esperança e ânimo de luta.

Que alguma coisa de tudo o que fiz pudesse levar ao homem poderoso, atrás de seus estupendos recursos e de suas perfeitas teorias e de seus milhares de oficiais-de-gabinete e secretários, um recado humilde a favor da pobre e escura e triste humanidade do Brasil.

E assim também ao homem cren-te e orgulhoso de sua crença um pouco de vacilação e tolerância.

E as mulheres com que lidei esquecessem meus momentos de tédio e de aflição e lembrassem de mim o que disse e fiz de melhor, nos grandes instantes de ternura, que são os instantes da verdade.

E tu, que foste a última de minhas amigas, que minha lembrança te fôsse também suave — apenas a vaga mão pousando no teu ombro e a perdida voz dizendo teu nome, com o mais simples carinho, e um tom quase contente."

Maio, 1953

1/11/64
(dom)